

Apresentação

Em seu vigésimo sétimo volume, a *Revista Gragoatá*, coerente com a linha editorial que a caracteriza, voltada para as mais recentes tendências da pesquisa na área de Letras e Linguística, apresenta-se à comunidade acadêmica sob o título “Contingência e expressão”. Trata-se de um tema instigante e atual, que destaca a dimensão contingencial da linguagem, tanto em termos dos estudos literários quanto dos linguísticos. Tal dimensão se manifesta pela valorização e focalização de fatores dos mais diversos, em termos de relevância e procedência, que intervêm na expressão verbal.

Na pós-modernidade, não basta ao analista a observação de seu objeto de pesquisa em termos absolutos ou atômicos, é necessário considerar e detectar motivações históricas, culturais, estéticas, ideológicas, entre outras, que concorrem para que esse objeto seja o que é e se comporte e represente como tal. No lugar de generalizações, valorizam-se as condições de produção e uma gama de fatores, intra e extralinguísticos, que, em menor ou maior grau, acabam por “moldar” o objeto referido, concorrendo para sua configuração final.

Os artigos que compõem este número vinte e sete abordam, portanto, a íntima relação entre condições de produção e produtos de linguagem, na interface entre língua(gem) e ideologia, imaginário e representação, com a valorização dos aspectos que concorrem na configuração da expressão verbal, em língua e literatura.

Inocência Mata, em *No fluxo da resistência: a literatura, (ainda) universo da reinvenção da diferença*, se propõe a refletir acerca do processo de “metamorfose translinguística” a que se submete a língua portuguesa, não apenas em função da diversidade cultural que acompanha sua atualização nos diversos países que a utilizam, mas, sobretudo, em virtude da prática literária de escritores que, ao vivenciarem processos distintos de escrita, atualizam jogos de representação destinados a traduzir diferenças decorrentes da interação mundivivencial e ideológica entre os universos culturais a que pertencem simultaneamente. Sua reflexão, que coloca em xeque o conceito de lusofonia, ancora-se na abordagem de autores de distintos países africanos de língua oficial portuguesa, como Luandino Vieira, Uanhenga Xitu e Mia Couto, para, neles, identificar a produção de “uma outra língua” de cultura, retrato daquilo que Albert Memmi indicou como a “dilaceração essencial do colonizado”.

Em *Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidade, ética e política*, Luiz Paulo da Moita Lopes

propõe e defende a necessidade de compatibilizar a atividade de pesquisa com a atividade política. O autor, com base em suas pesquisas acerca do letramento escolar, mais especificamente da construção discursiva da alteridade sexual ilegítima, reúne evidências de que as mudanças da vida cotidiana, cada vez mais contingente e plural, intervêm diretamente nas práticas de linguagem e que essa correlação deve ser assumida e enfrentada no âmbito da Linguística Aplicada (LA), a que o autor acrescenta um segundo adjetivo – Indisciplinar. Assim procedendo, considera Moita Lopes que a LA deve lidar com a consideração de “verdades contingentes”, numa posição que pode trazer para a LA ganhos éticos, epistêmicos e políticos.

A análise do conceito de Neobarroco é o objetivo do artigo intitulado *Uma dobra (neo)barroca: modernidade, pós-modernidade e a inversão ideológica do barroco*, escrito por Vincenzo Russo. Para tanto, o pesquisador italiano desenvolve uma série de discussões acerca das propostas críticas levadas a cabo pela teoria pós-moderna, procurando identificar, no entanto, o quanto a redescoberta teórica do século XVII pode ser considerada fruto de um universo conceitual codificado no espaço europeu e sul-americano pelo pensamento moderno. A retomada formal, estilística e temática do Barroco por artistas e escritores da segunda metade do século XX é considerada, portanto, em uma dimensão plural, que dialoga não apenas com as reflexões teóricas do semiólogo Omar Calabrese, mas também com abordagens significativas levadas a cabo por pensadores como Buci-Glucksmann, Deleuze e Ceserani.

Anna Elizabeth Balocco, no artigo *Contingência e expressão: o conceito de “prática articulatória” na Análise Crítica do Discurso*, traz a discussão entre relações de necessidade e contingência nos estudos de linguagem, mais especificamente no âmbito da Análise Crítica do Discurso (ACD). Balocco, a partir de um breve histórico desse enfoque teórico, aborda a “natureza aberta do social”, sua constituição e diversidade, em termos da relação entre tal dimensão, o plano discursivo e a prática articulatória. Por fim, relaciona a ACD com os postulados da Linguística Sistemática Funcional, rejeitando a proposta da “contingência radical do social” e destacando o traço de sobredeterminação do discurso.

Em *A contingência das ordens: a literatura como observação entre o atual e o potencial*, Michael Korfmann e Filipe Kegles Kepler se propõem a desenvolver uma reflexão acerca do conceito de contingência, conforme apresentado pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann, em sua relação com a literatura. Este conceito, ao compreender o atual como fruto de uma seleção dentre outras possibilidades potenciais, é explorado de forma a encaminhar o leitor para uma compreensão de que os sistemas de arte caracterizam-se por tematizar e potencializar “o caráter contingente dos processos seletivos de gerar sentido” e de que a

literatura, compreendida como observação de segunda ordem, caracteriza-se por oscilar entre o que é atual e o potencial, entre a observação do seu ambiente e “seus próprios processos de estabelecer sentido através da redução de complexidade e a construção de uma complexidade própria”.

No artigo “*Tudo que é sólido desmancha no ar*”: sobre o problema do popular na linguagem, Anna Christina Bentes reflete sobre os critérios definitórios do que seria uma fala “popular” na área dos estudos linguísticos. Valendo-se de contribuições da Sociolinguística, Bentes fundamenta suas reflexões a partir de dados da produção discursiva do *rapper* Mano Brown, demonstrando que, de acordo com os contextos de sua produção, este artista se apropria de usos específicos, reveladores de sua habilidade no manejo e na apropriação da linguagem. A autora destaca que o “popular”, como qualquer outro rótulo que se atribua a um registro ou uso linguístico, revela distintos níveis e variadas formas de expressão, formas estas tão múltiplas quantos forem os lugares e os papéis sociais ocupados pelos membros da comunidade linguística, no destaque do caráter contínuo, instável e inacabado da elaboração da linguagem.

Kelvin dos Santos Falcão Klein, em *O elogio da portabilidade*, parte de textos de Walter Benjamin e Giorgio Agamben para destacar o conceito de portabilidade, identificando-o como um elemento de resistência utilizado pela expressão artística diante de regimes totalitários e de períodos marcados pela violência. O texto retoma, portanto, o filósofo italiano quando este afirma ser a miniaturização a “cifra da história”, apontando o portátil, a miniatura e o brinquedo como “avatares” capazes de dar testemunho da história. Dos “microgramas” do escritor suíço Robert Walser, morto em 1956, aos escritos contemporâneos de Roberto Calasso, Fleur Jaeggy e Enrique Vila-Matas, a análise de Klein nos apresenta a portabilidade como ponto de partida para uma reflexão acerca do jogo impuro entre o dizível e o indizível, acerca do modo de apresentar “em chave ficcional o percurso da estranheza diante do *pathos* ontoteológico”.

A dimensão contingencial do uso linguístico, em termos de modalização, é destacada por Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner em *Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial*. Com base nos discursos de posse dos presidentes brasileiros eleitos de 1990 a 2007 – Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, a autora demonstra como as marcas do contexto de produção, relativas aos distintos momentos pelos quais o Brasil passou na fase da pesquisa referida, concorreram para a seleção e articulação da expressão da modalidade deôntica e volitiva nesses textos. Destaca-se, assim, a íntima relação entre condições discursivas e produção linguística. A modalidade é pesquisada pela autora em termos de marcas de semelhança e

de distinção, com destaque para esta última, por conta de seu traço contingencial.

Prisca Agustoni de Almeida Pereira, em *El otro exílio de Eva: imaginario y representación de la mujer negra en la poesía negra hispanoamericana*, discute a representação de mulheres negras e mestiças na *poesía negra*, movimento literário do Caribe hispânico. O artigo enfatiza a preocupação aí presente de inserir as personagens negras nos poemas a partir de um universo de referências que lhes é próprio; problematiza, todavia, a permanência, subjacente aos textos, de uma ideologia patriarcal, o que aponta para permanência, nesse recorte literário, de traços sócio-culturais ainda presos ao parâmetro colonial.

Com o artigo *Leitura na internet: o (entre)cruzamento de dizeres e de subjetividades*, Fernanda Correa Silveira Galli aborda a dimensão contingencial da linguagem a partir da prática de leitura de hipertextos. A autora, fundamentada em pressupostos da Análise do Discurso, apresenta e discute as representações de alunos de três cursos de licenciatura (Biologia, Matemática e Pedagogia) acerca de sua experiência com a leitura na internet. Seus resultados demonstram como essa representação oscila entre o “novo” e o “velho”, ou seja, como o impacto de novas ferramentas tecnológicas, capazes de trazer ao aluno-leitor acesso a um número quase ilimitado de informações, pode também concorrer para a manutenção de antigas representações e barreiras no que concerne ao desenvolvimento de habilidades de leitura e ao atingimento de melhores níveis de letramento.

Em *Os estranhos filhos de Catarina Nunes de Almeida*, Virgínia Boechat apresenta uma leitura dos dois livros publicados pela jovem poetisa portuguesa, buscando compreender sua poesia como “uma linguagem que concebe *mirabilia*”, a partir da identificação, em seus textos, da existência de pessoas do discurso “informes e cambiantes”, de imagens reiteradamente insólitas e fluidas, construídas por palavras mutáveis que, por fim, apontam para uma ruptura com os conceitos tradicionais de ordem e natureza. Sua proposta, assim, desliza para uma reflexão acerca da metamorfose em diversos níveis da linguagem poética, realçando o papel do erotismo e da água na elaboração imagística de tal metamorfose e na construção efetiva da *mirabilia* que dá suporte ao processo poético instituído pela escritora.

Lucrécio Araújo de Sá Júnior, no artigo *Imaginário e representação na memória coletiva das vozes em latim dos benditos populares*, trata a dimensão contingencial da linguagem a partir do processo de recepção de cantos populares religiosos, os chamados “benditos”. Fundamentado em Bakhtin, o autor define, caracteriza e levanta alguns dos principais cantos sacros de origem latina presentes na cultura popular brasileira, ocupa-se de sua configuração morfossintática e discursiva para, com base nessas informações, voltar-se para o processo de recepção dessas

obras, em termos do aspecto mítico e das marcas do imaginário social que caracterizam o cantar e a louvação. Sá Júnior chega à constatação de que esse processo de recepção deve levar em conta uma série de fatores, entre os quais citam-se os aspectos dialógico-discursivos e as representações da comunidade linguística, entre outros.

Anita Costa Malufe, no artigo *O corte cinematográfico em Ana Cristina Cesar*, investiga a existência, em alguns poemas da escritora carioca, de procedimentos de corte responsáveis por evidenciar o caráter fragmentário de sua poesia e por demarcar, para a sua compreensão, um espaço desenhado pelo experimentalismo. Em diálogo com modos de “composição e apreensão típicos da arte cinematográfica”, a poesia de Ana Cristina surpreende pela capacidade de associar fragmentação e fluência, escapando, na leitura da ensaísta, ao uso de procedimentos meramente narrativos para assinalar, em seus textos, a presença do movimento.

Com o artigo *O discurso de Bernardo de Claraval e a ideologia cristã da Idade Média*, Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira volta-se para um dos mais representativos ícones do Cristianismo no século XII, que figurou como monge, político-elesiástico, filósofo, padre e Doutor da Igreja. A autora observa como a produção discursiva de Bernardo, notadamente os sermões em louvor à Virgem Maria, estão marcados pelas concepções ideológicas do medievo e de como, ao escrever sob tal contexto contingencial, o autor concorre para a fixação destas mesmas concepções. Marco representativo de um período, a produção linguística de Bernardo, para além da fixação do Cristianismo, traz ainda as controvérsias doutrinárias e políticas da Idade Média, constituindo-se, assim, como testemunho vivo de seu tempo.

A fechar este número, Victor de Oliveira Pinto Coelho apresenta uma resenha de *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flandres, Tristram Shandy*, publicado por Luís Costa Lima (2009). Nela, relaciona o livro ao percurso trilhado pelo autor na Trilogia do Controle, enfatizando suas razões político-estéticas para pensar o controle do imaginário. Para tanto, são significativas as palavras do próprio autor, recuperadas ao final da resenha, em citação: “o controle é um instrumento político cujos efeitos são de ordem estética”.

Mariangela Rios de Oliveira
Silvio Renato Jorge